



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE  
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

**PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS**

**NELSON RUBENS SAUL II**

**(depoimento)**

**2004**

**CEME-ESEF-UFRGS**

## FICHA TÉCNICA

**Projeto:** Garimpendo Memórias  
**Número da entrevista:** E-111  
**Entrevistado:** Nelson Rubens Saul  
**Nascimento:** Não informado  
**Local da entrevista:** ESEF/UFRGS  
**Entrevistadores:** Bárbara Guaragni Calza  
**Data da entrevista:** 06/10/2004  
**Transcrição:** Vicente Cabrera Calheiros  
**Conferência Fidelidade:** Vicente Cabrera Calheiros  
**Copidesque:** Marco de Carvalho  
**Pesquisa:** Marco de Carvalho  
**Fitas:** (01 fita) 111/01-A e 111/01-B  
**Total de gravação:** 50 minutos  
**Páginas Digitadas:** 20  
**Catálogo:** Vera Maria Sperangio Rangel  
**Número de registro:** 01966/2008/01  
**Número de registro da fita:** 01966/2008/01  
**Observações:**

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que textual e que a fonte seja mencionada conforme especificação abaixo

SAUL, Nelson Rubens. *Nelson Saul II (depoimento, 2004)*. Porto Alegre: CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE - ESEF/UFRGS, 2008.

## **Sumário**

História em relação ao esporte, escola; participação em clubes; participação em campeonatos nacionais, internacionais; apoio da família; participação na ginástica; treinamentos; período na Alemanha; dificuldades frente o amadorismo ainda presente no esporte, materiais.

Porto Alegre, 6 de outubro de 2004. Entrevista com Nelson Rubens Saul, a cargo da pesquisadora Bárbara Guaragni Calza para o projeto Garimpando Memórias do Centro de Memória do Esporte.

B.C. - Então tu podia falar um pouco sobre a tua história de vida em relação ao esporte, atividades lúdico esportivas, escola, brincadeiras, como que foi a tua história com relação ao esporte.

N.S. - Bom, desde o início eu já era meio aventureiro, inventava coisas em casa, eu me lembro, até antes da ginástica. Eu sei que eu comecei a ginástica em 1948, já tinha 18 anos e achava que não tinha a fazer, também não esperava que fosse acontecer. Então no primeiro ano, já no ano de 1951, eu fui campeão brasileiro no salto sobre o cavalo. E fui gostando. Entrei no campeonato influenciado pelo professor Carlos Black<sup>1</sup> que era um professor da Escola, na ESEF<sup>2</sup>. Em 1952, entrei para a ESEF e o professor Black estava lá. Continuamos juntos e fomos indo, fui levando e foi indo. Eu fui gostando. Em 1953, eu fui para a Alemanha, tive a oportunidade de representar a SOGIPA<sup>3</sup> em Hamburgo<sup>4</sup> na “*Turnfest*” e eu fiquei lá e fiz um curso de especialização de 6 meses e voltei. Naquela época eu não falava alemão, nunca tinha saído de casa e os meus companheiros voltaram e eu fiquei lá. Digo “eu não volto mais para o Brasil”. Fiquei lá e foi aí que eu me amarrei na ginástica alemã.

B.C.- E antes da ginástica...

N.S. - Ginástica Olímpica. Isso foi no início, deixa eu ver... Bem dentro disso apareceu logicamente... Nós começamos junto na ESEF e estamos fazendo agora 50 anos de formatura. Agora dia 22 vai ter uma janta e nós vamos fazer, todos os colegas de 50 da época de 1954.

B.C.- Que legal!

---

<sup>1</sup> Karl Black, filho de George Black

<sup>2</sup> Escola de Educação Física

<sup>3</sup> Sociedade de Ginástica Porto Alegre - Fundada como Deutscher Turnverein (Sociedade Alemã de Ginástica) em 1867. Passa a se chamar Sociedade de Ginástica Porto Alegre em 1942

<sup>4</sup> Cidade Alemã

N.S. - Então dentro da Escola eu conheci a minha esposa, casamos, nos formamos, quer dizer, primeiro em 1954 nos formamos, depois em 1956 nos casamos e dentro da educação física, sempre. E, nesse meio tempo, teve competições, “n” competições. Uma história, aqui dentro tem recortes de jornais desde o início [entrevistado mostra uma pasta com recortes de revistas e jornais de suas competições].

B.C. – E antes da ginástica, tu praticava algum outro esporte ou...

N.S. – Eu jogava só futebol e jogando futebol aconteceu isso. A ginástica foi um acidente, eu arrebentei o meu joelho no futebol e tentava arrumar, não dava, não tinha mais jeito. E o médico disse “olha aqui, você tem que operar ou não fazer mais nada”. Ah ai eu digo “operar, eu não vou e fazer mais nada, também não vou”. [risos]. Então comecei a procurar e foi ai que assisti uma competição de ginástica olímpica no ano de 1947 em dezembro. Me lembro até hoje. Até houve um acidente, um rapaz bateu com a cabeça no cavalo, caiu e eu disse “está aí um esporte para mim, um esporte que eu não vou usar as pernas, vou usar só os braços. Então eu vou trocar as pernas por braços”. E fui para ginástica, comecei com a ginástica e com o tempo eu voltei a correr e saltar, tudo.

B.C. – Nunca mais...

N.S. - Não precisou eu operar o joelho e eu cheguei aqui e estou aqui até hoje.

B.C. - Então teve influência da família para tu praticar ginástica olímpica ou...

N.S. – Não, eu procurei. Eu fui sozinho. Eu fui lá, entrei e digo “eu quero fazer”. Não sabia como é que era. Foi assim que eu comecei a gostar da educação física. Eu estava estudando e trabalhando com o meu pai e tava no contador e eu cheguei para ele “pai, o contador não é o meu, eu não posso ficar dentro de quatro paredes, eu tenho que andar na rua, tenho que ir para a rua, não posso...”. Eu trabalhei com ele na loja também, mas eu digo “eu tenho que estar na rua, não posso ficar dentro de quatro paredes”. Eu achei a educação física ampla, estar na rua e aí foi.

B.C. - Tu podia me falar um pouco como era a especificidade, um pouco do treinamento da ginástica?

N.S. – Bom o treinamento era o seguinte: você trabalhava o dia todo e ia treinar de noite. O treino era três vezes por semana e eram terças, quintas e sábados e mais domingo de manhã que nós fazíamos uma atividade de lazer, que a gente ia fazer ginástica. Mas não tinha esse negócio de patrocínio, não tinha nada, você fazia tudo, comprava o uniforme, comprava a sapatilha, comprava a camiseta, tudo. A gente que fazia. Só ganhava do clube o distintivo para colocar na camiseta, só isso que a gente ganhava, não tinha mais. E era trabalhar durante o dia e de noite ia treinar, treinava das 7 até as 11 da noite e não era como agora, agora tem todo o apoio, tudo.

B.C. - Sim, e dentro do treinamento como é que eram assim os amigos, as competições, as federações, alguma coisa que tu queira contar, tipo uniforme...

N.S. - Era, naquela época se tinha Navegantes São João<sup>5</sup>, a SOGIPA, que eram os dois clubes de ginástica que tinha aqui. Era tão interessante que era o seguinte: eu morava no navegantes na época, depois de casado, eu treinava no Navegantes e competia pela SOGIPA, quer dizer, a gente era uma coisa só. Tudo era atleta, tudo era ginástica, mas, na hora da competição, cada um competia pelo seu clube. Eu ajudava o Navegantes, o Navegantes me ajudava e a gente vivia sempre assim, um ajudando o outro, porque nós não tínhamos técnico. Os técnicos éramos nós mesmos, nós víamos as coisas, nós víamos e íamos fazer, “vamos lá”, um ajudava o outro. Então ali que eu formei o meu conceito de que um ginasta são dois o que faz e dois que dão auxílio para ti aprender, porque nós não tínhamos colchões, nós não tínhamos nada. Era só um tapetezinho de feltro de, nem era 4, menos de 4, 3 centímetros em cima do assoalho e ali não, quer dizer, que não tinha assim, tu deixar e saltar e tu ia cair no fotinho. Não tinha nada disso. Até tenho uma foto que a... Isso aqui é uma revista que, eu na Alemanha, quando eu fui em 1953, que eu estou aqui, dentro da revista aparece, que eu estou aqui [entrevistado começa a folhear uma revista].

---

<sup>5</sup> Sociedade Ginástica Navegantes-São João - Em 1907 foi fundada a Sociedade de Tiro Navegantes que, posteriormente, se transformou no Sport Club Navegantes. Esse clube foi, posteriormente, incorporado à Sociedade Ginástica Navegantes-São João, fundada em 06 de junho de 1927.

B.C. – Ah, que legal!

N.S. – Viu, então eu fui, foi Argentina, Brasil e Chile. Quando fomos para a Alemanha aqui está [mostra a foto] esse é o [palavra inaudível] de São Paulo<sup>6</sup>, essa é a Nilze Fischer<sup>7</sup>, a esposa do Fischer<sup>8</sup>. Aqui é o Carlos Black e aqui estou eu como porta bandeira.

B.C. - Que legal!

N.S. - Isso aqui foi na *Turnefest* [entrevistado mostrando suas revistas e recortes].

B.C. - Então depois vamos passar para as imagens, depois tu me mostra para gente gravar agora e depois tu me mostra.

N.S. - E ai eu comecei a gostar de ensinar, eu mais ensinava do que eu competia, eu treinava, eu queria aprender os movimentos e então eu aprendia o movimento e passava para os outros. Se eu não conseguia, algum outro ia conseguir fazer aquilo lá. Porque a gente era assim desse jeito, treinava um ajudando o outro.

B.C. - Então não tinha um técnico específico?

N.S. - Não, só tinha o professor Black que era um grande incentivador da ginástica, mas ele era mais da Ginástica Rítmica, um grande professor. Tu vai lá na Escola, tu vai ver lá na Escola quando o nome dele na ginástica rítmica. Ele foi o [palavra inaudível] da ginástica rítmica naquela época e tinha a ginástica. Ali com ele eu comecei a aprender os métodos dele, o sistema, viajei muito com ele, foi dar curso e eu ia junto com ele, eu era o monitor dele. A quem depois eu substituí. Ele se aposentou e eu entrei e continuei. Então eu aprendi, gostava de ensinar e ajudar os outros. Fiquei muito tempo na ginástica, fiquei de 1948 a 1968, vinte anos competindo e dirigindo. Eu era técnico, era o diretor da ginástica, era o atleta, era tudo. Eu era o que arrumava os aparelhos, fazia tudo. Então gritavam “Saul, ta lá” e eu “ta, vamos lá”. Juntava os aparelhos e ia. Nós fazíamos excursões de ônibus, levava os aparelhos junto no ônibus. Nós fomos uma vez a

---

<sup>6</sup> Estado Brasileiro

<sup>7</sup> Nome sujeito a confirmação.

Uruguaiana<sup>9</sup>, levamos tudo no trem a aparelhagem toda lá, descarregava do trem, montava os aparelhos e não tinha lugar em condições, aí a gente procurava, dava um jeito e fazia, montava os aparelhos e fazíamos demonstrações de ginástica. A gente ia levando a ginástica. Uma vez nos levaram para São Paulo, Araraquara<sup>10</sup> também foi assim. Então, foi o Dante<sup>11</sup>, nós dois fomos para Araraquara dar uma... Nós éramos campeões brasileiros e fomos dar uma demonstração em Araraquara que foi desse jeito: descemos do trem com os aparelhos, montávamos no campo os aparelhos, pegávamos outro trem e voltávamos de São Paulo. A gente vivia fazendo parecia, um circo assim entendeu? Nós éramos uns artistas porque, naquela época, o Rio Grande do Sul era o máximo na ginástica. Nós fomos... Eu fui penta campeão brasileiro de ginástica, depois eu parei, não entrei mais na equipe, mas os outros continuaram e continuaram. Acho que ficamos uns dez anos lá como campeões brasileiros.

B.C. – É, pelo tudo que eu estudei até agora da a...

N.S. - É, foi pioneiro.

B.C. – História, o Rio Grande do Sul foi um dos pioneiros mesmo.

N.S. - O máximo da ginástica que já se viu.

B.C. - E posso fazer outra pergunta? Quais os outros clubes que tu fez parte? O São João...

N.S. - Um único clube: SOGIPA. Entrei na SOGIPA em 1945 e estou até hoje lá. Fui escoteiro, fui atleta, atualmente sou conselheiro, fui técnico também das equipes, isso dentro da SOGIPA. Agora, quanto a ginástica, eu sou fundador da Federação de Ginástica. Da parte técnica eu era o diretor técnico. Muitos anos fui diretor técnico, tinha o Fischer que era o presidente, eu era o técnico, diretor técnico. Fazia as competições, montava todos

---

<sup>8</sup> Nome sujeito a confirmação

<sup>9</sup> Cidade do Estado do Rio Grande do Sul

<sup>10</sup> Cidade do Estado de São Paulo

<sup>11</sup> Dante Gnoatto

os campeonatos e fazia aparelhos também. Fizemos a Universíade<sup>12</sup> aqui. Até tem o piso da Universíade. O assoalho elástico foi o primeiro feito na América do Sul. Fui eu e o Omar<sup>13</sup> que era engenheiro, fizemos tudo.

B.C. – Então, além de atleta, tu assumiste algum outro cargo?

N.S. – Sim, claro. Naquele tempo não tínhamos só nós atletas. Nós tínhamos que levar adiante, tinha o Navegantes São João e mais tarde veio o União<sup>14</sup> onde o Dante, esse era do Navegantes São João, e aí passou para o União. Então a ginástica foi para o União. O União pegou a ginástica e de onde tive muitos atletas. Eu tenho uma foto aqui da equipe do União que, em 1969, eu fui campeão estadual no União com o Jairo Brandão<sup>15</sup>, o Vinter. O Jairo e o Vinter<sup>16</sup> e os dois irmãos. Faziam parte da equipe, o Jairo, o Fortuna<sup>17</sup> que está na Escola. Ele está na fotografia também, o Antônio... E isso nós fomos campeões estaduais. Foi a primeira vez que eu saí da SOGIPA e fui para o União porque eu terminei e parei na SOGIPA em 1968. Aí eu montei o meu, minha não, eu fiz uma casa de sauna e então eu tive que sair fora. O União veio e “vamos para o União, nós vamos te contratar” e eu disse “não, saí, parei. Estou com o meu negócio, não vou”. Na terceira vez que o União veio, eu nunca vi, fiz um preço para eles dizerem não, mas eles disseram sim. Eu fiquei amarrado, tive que ficar aquele ano e, naquele ano, consegui ficar campeão estadual, tirei da SOGIPA o... [risos].

B.C. - O título.

N.S. – Bom, e depois enfim, foi só esse ano e continuei aí na... [palavra inaudível]. Bom, terminou.

B.C. - E o esporte influenciou a tua carreira pessoal, profissional?

---

<sup>12</sup> Jogos Mundiais Universitários, organizados pela FISU (The International University Sports Federation). A Universíade aconteceu em Porto Alegre entre os dias 30 de agosto e 09 de setembro de 1963.

<sup>13</sup> Nome sujeito a confirmação

<sup>14</sup> Grêmio Náutico União - Originário do Ruder-Verein Freundschaft (Sociedade de Regatas Amizade) fundado em 1906. Em 29 de abril de 1917 passa a se chamar Grêmio Náutico União.

<sup>15</sup> Jairo João Pereira Brandão

<sup>16</sup> Nome sujeito a confirmação

<sup>17</sup> Newton Fernando Fortuna

N.S. – Bah, bastante. Eu tive bastante, vamos dizer, alegrias e coisas, mas financeiramente não [risos]. Por isso que eu parti para a iniciativa privada que era fazer uma academia para mim, porque tava difícil naquela época. Nós éramos casados, com quinze anos de casados, três filhos e não tinha nada. Então alguma coisa tinha que ser feita e foi quando eu parti para a... Porque eu não posso fazer, se eu fiz até agora. Tivemos a casa de sauna durante 20 anos e vendi, terminou e agora estamos usufruindo. E dentro dessa vida toda, foi o que a gente fez, foi a família. Lógico que mais a família que tinha que cuidar, tinha que formar os filhos e agora vem os netos.

B.C. - Como tu sentia e via o esporte naquela época? Como era a relação com a cultura alemã? Se tinha relação...

N.S. - Não tinha. Nós tínhamos era pouco apoio. A gente tinha que fazer tudo sozinho como a gente era os primeiros do Brasil, era muito solicitado. Então aparecia muito, mas não tinha apoio nenhum, era só raça mesmo, fazer, mas não ficava nada. Eles faziam aqueles programas e incentivar o esporte e naquela época eu estava, eu fui, no tempo da escola, para naquela época era CEFAI<sup>18</sup> e depois passou para departamento de esportes, secretaria da educação. Eu estava lá e me deram um cargo e eu tinha que fazer um plano das escolas, o que uma escola precisava de aparelhagem, o mínimo de aparelhagem e eu fiz tudo isso, deixei tudo isso lá, mas não vingou, não fizeram nada. Até hoje as escolas estão sem nada. A única escola que tem alguma coisa, vamos dizer assim, que é do Estado, eu falo do Estado é o Júlio de Castilhos<sup>19</sup> porque eu fiz uns aparelhos de cano lá, barras, paralelas, espaldares, escadas e coisas forte. Está lá até hoje, porque eu fiz aquilo ali, se não... Não fizeram nada lá e é onde tem que ser feito é ali. Não vê o caso da Daiane<sup>20</sup> que surgiu em uma pracinha. Existem “n” Daianas por aí. Tu ouviu bem, é dar oportunidade a eles porque toda a criança tem possibilidade, tem condição, algumas tem mais, outras tem menos, mas todas podem fazer e é ali que tem que... E foi indo, eu vou... Continuei fazendo, eu sou teimoso. Só que não tinha apoio financeiro, nós não conseguíamos ir para frente. Então eu queria aparelhar as escolas um mínimo, mas até hoje não consegui.

---

<sup>18</sup> Nome sujeito a confirmação

<sup>19</sup> Colégio Estadual Júlio de Castilhos

<sup>20</sup> Daiane dos Santos.

B.C. – Então qual a tua visão sobre a estruturação da Ginástica em Porto Alegre<sup>21</sup>?

N.S. - Atualmente ela está muito bem, agora tem um apoio enorme, uma propaganda que houve com a Olimpíada, de sediar, pós-olimpíada “Ah, vamos fazer”. Aí arrumam uma freguesia grande e esta grande freguesia não tem onde fazer, faltam locais. Estão surgindo agora, tem a SOGIPA, tem a [palavra inaudível], mas não é esse. Isso aí é o fim. Nós temos que pegar antes, nós temos que pegar as escolas. Por exemplo, o Farroupilha<sup>22</sup>, Anchieta<sup>23</sup>, todas essas escolas estão aparelhada, já viu que elas tem tudo? Mas a do Estado, onde está a maioria, a grande população de crianças está ali, essas estão carentes de... Então tinha que ser no local, porque a criança tem que fazer ginástica no próprio local de estudo e não sair dali e ir para um outro local, mas quem é que pode ir? Só aquele que tem condições, o outro que condições físicas tem, mas não tem condições financeiras para se deslocar para ir treinar, para se preparar. Então tem que ser na escola, pegar essa parte na escola, essa é a minha briga e sempre foi. Não sei eles não estão acreditando, todo mundo fala. Até eu me lembro, sempre eu falo, sempre eu digo “aqui ó, o russo falava do americano: O americano tem estrelas, nós, na Rússia, temos constelações de estrelas”. Você vê o show que eles deram, não sei se tu chegou a ver na olimpíada de 80. Que idade tu tens?

B.C. - Tenho 22 [risos]. Eu não tinha ainda nascido.

N.S. - Em 80 a olimpíada foi uma coisa, fizeram aquela... Encheram aquele ginásio de gente que não acabava mais, quer dizer, mas é isso. As escolas deviam fazer isso, a Alemanha... Também é assim na Alemanha, é tudo na escola e os clubes se formam das escolas. Então, durante o dia, as escolas trabalham e a noite formam os clubes para praticarem seu esporte, seu vôlei, seu basquete e usam a parte da escola. Não exista clube, como tem SOGIPA aqui, lá não tem.

B.C. - Tudo na escola.

---

<sup>21</sup> Capital do Estado do Rio Grande do Sul

<sup>22</sup> Colégio Farroupilha, fundado em 1886.

<sup>23</sup> Colégio Anchieta, fundado em 13/01/1890.

N.S. – É, tudo é na escola. Quer dizer que a escola tem o material, tem o local e o pessoal, os habitantes vão usar, viu.

B.C. - Mas tu acompanhou desde o início, onde vocês que divulgavam a ginástica. Como é que tu viu ela se estruturando ao longo desses anos em Porto Alegre?

N.S. - Não, aí nós fundamos a Federação de Ginástica porque tinha ginástica, nós levamos a ginástica para... Já tinha em Ijuí, Estrela, Santa Cruz, São Leopoldo, Hamburgo Velho, Sapiranga, Santa Maria<sup>24</sup>. Foi depois que nós levamos para lá a ginástica. Também formou um grande grupo em Santa Maria.

B.C. - Todos esses lugares já tinham quando vocês fundaram a federação?

N.S. - Pois nós fundamos a federação porque já tinha, nós tínhamos clubes para podermos fundar a federação. Tinha que ter no máximo, no mínimo 3. Nós já tínhamos oito clubes para fazer. Então foi aí que nós fundamos a federação.

B.C. - A Federação Riograndense.

N.S. - A Riograndense de ginástica que foi fundada em 62, no dia 25 de maio de 62. Aí se fundou a federação de ginástica, 62. Aí entrou o União também aqui em Porto Alegre. Tinha União, tinha SOGIPA e Navegantes São João. Depois o Navegantes São João parou e continuou só a SOGIPA e o União [passa um caminhão fazendo muito barulho]. [silêncio] 62 foi a fundação, em 63 nós estivemos por trás de fazer a Universíade. Foi nosso primeiro grande evento, nosso desafio fazer uma Universíade que é um mundo. É uma mini Olimpíada. Numa Olimpíada vão dez mil atletas e nós tínhamos aqui três mil e poucos e fizemos [suspiro] a Universíade. Até tem os dados lá na Escola que eu mandei fotografias, mandei todo o material que eu tinha pra lá.

B.C. - Eu vi as fotografias.

---

<sup>24</sup> Cidades do Estado do Rio Grande do Sul

N.S. - Eu não sou de coletar muita coisa, eu tenho coisas que guardei e hoje que eu estou vendo aqui.

B.C. - E quais as relações... Tu via alguma relação entre a prática da ginástica e a cultura alemã? Porque por tudo que eu li até agora, a ginástica veio para cá com a SOGIPA e a SOGIPA estava completamente ligada com a cultura alemã, era uma forma deles...

N.S. - É, quem trouxe foi o pai do Carlos Black, o Jorge Black<sup>25</sup>. Ele trouxe o escotismo e trouxe junto a ginástica. Então colocou na SOGIPA e aí... [toca o telefone]. A SOGIPA, como era um clube alemão, absorveu e tocou para frente. [esposa do Nelson Saul atende o telefone]. Mas tinha bastante ginástica. Naquela época, tinha o [palavra inaudível].

B.C. - Deixa eu colocar mais pertinho aqui se não vai ficar meio ruim para ouvir depois [entrevistadora referindo-se ao gravador].

N.S. - A SOGIPA pegou e levou adiante, era tudo alemães, veio da Alemanha, veio da ginástica alemã mesmo. E levou adiante porque tinha a aparelhagem, tinha tudo, material e nós é que fazemos ali, porque foi antes, eu comecei em 48, mas já existia antes. Já tinham clubes como o Santa Cruz<sup>26</sup> que eram clubes antigos, tinha o São Leopoldo<sup>27</sup> também [silêncio].

B.C. - Então existia relação da Ginástica Olímpica quando tu praticava com a cultura alemã ou já...

N.S. - Sim, sim.

G.S.<sup>28</sup> - São Leopoldo, Novo Hamburgo, tudo alemão.

N.S. - Sim, claro. Santa Cruz, tudo era alemão. E, nesse meio, veio os brasileiros que vieram junto. E o brasileiro tem uma coisa de bom, porque tem essa mistura, ele tem muita

---

<sup>25</sup> George Black.

<sup>26</sup> Nome sujeito a confirmação

<sup>27</sup> Nome sujeito a confirmação

<sup>28</sup> Gisela Strauss Saul, esposa do entrevistado. Faz algumas intervenções

condição física, de elasticidade, essa coisa de habilidade, o brasileiro é muito fértil em movimentos. Não sei se é por causa da mistura do samba, o que é. Tem ritmo, tem tudo e sempre. Eu acho que agora tem, está misturado. Bem, não tem mais tanto alemão como tinha antes, agora já está mais misturado. E isso ficou. Só que falta uma coisa principal, tu sabe o que é que é? Disciplina [silêncio]. Ginástica tem que ter muita disciplina e como atleta tem que ter muito sacrifício também. É difícil, olha que é difícil, mas para a formação do jovem não tem melhor que isso aí. A ginástica do que o atletismo é o esporte base e a ginástica é a base do esporte. Sabia dessa?

B.C. - Não.

N.S. - É. Se chama esporte base porque tem os três: é saltar, arremessar e correr, são as três atividades naturais principais, não são? E o atletismo é o esporte base é o início da atividade e a ginástica é a base do desporto, porque a ginástica é a preparação física para o desporto. Tu com a ginástica, com essa ginástica que é trepar, saltar, correr, você prepara um jovem para o desporto. Se está bem preparado fisicamente, ele sabe correr, sabe saltar, sabe se agarrar, ele tem força. O esporte, a técnica tu aprende depois, aí é mais fácil, tu tem preparado, depois é mais fácil do que tu ensinar a técnica e depois dar condição física. Aí tu vai dar condição física e tu tira a habilidade do indivíduo porque começa a fortalecer a musculatura muito e ele começa a perder a coordenação. Essa é uma coisa que não, que a gente tem, que eu levei de dentro do esporte, é isso aí. Por exemplo, porque você tem, você vai se formando. E depois tem a técnica do esporte, se é de bola ou não. Eu tenho exemplo que dentro da minha ginástica tinha os meus guris. Eu tinha guris que eu levo como exemplo sempre. Os Gobatos<sup>29</sup> eram dois irmãos, eram bem fortes, aprenderam ginástica e, quando chegaram aos 12 anos, já estavam bem formados, faziam bastante movimentos difíceis. Começaram a crescer, chegaram a um metro e noventa e olha aqui, cresceram demais “vocês tem que trocar de esporte” e foram para o Basquete e se deram bem. Foram grandes jogadores de basquete, quer dizer, que é isso aí, ele se forma e depois escolhe o que vai fazer de acordo com o tamanho que vai ficar, porque tu não sabe, uma criança que tamanho que vai ficar. Então foi aí que eu me agarrei a ensinar, preparar o jovem antes de entrar no esporte. Isso é que tem que ser feito e é onde eu falo sempre, tem que ser na escola, ali dentro da escola que tem que começar.

B.C. - Qual a tua visão sobre a estruturação da ginástica olímpica com o fortalecimento da identidade alemã?

N.S. – Ah, agora tu me pegou.

B.C. - Não sei se, quando tu praticava ainda, se falava muito alemão no ginásio e se eram muitos descendentes alemães.

N.S. – Não, muito pouco.

B.C. - É? Acho que mais no início mesmo.

N.S. - Nós tínhamos ginastas que vieram da Alemanha para cá, o Herbert Vild<sup>30</sup> que veio e ele logo se entrosou e entrou no português, porque tu sabe que a ginástica que veio da Alemanha é mais antiga, ela tem dois mil anos.

[FINAL DA FITA 111/01-A]

G.S - Porque nossos pais conheciam a ginástica de lá, então encaminhavam os filhos aqui.

N.S. - Nós passávamos adiante.

G.S. – Sim, e nós... Inclusive acho que nós apomos nossos pais para a prática de esporte, coisa que o brasileiro nato não tinha. Inclusive eles não deixavam os filhos saírem para ir treinar sozinhos, não deixavam. As famílias alemãs, principalmente, davam incentivo para que o filho treinasse, minha opinião [risos]

N.S. - Bah! Valeu! Nós trabalhamos juntos.

B.C. – Então, como era a aceitação de pessoas sem a descendência alemã no ginásio, no treinamento, era...

---

<sup>29</sup> Nome sujeito a confirmação

<sup>30</sup> Nome sujeito a confirmação

N.S. – Ah, eles não conheciam, mas depois que conheceram ficaram sabendo, quiseram fazer também. Porque a ginástica é muito atraente, ela tem saltos, tem acrobacias e o guri gosta de arrojo. Então, eles vieram também para... Eu não poderia separar isso da... Porque a nossa formação foi uma e nós continuamos e eles vieram. Eles aceitaram bem isso aí. Você vê porque tem “n” ginastas aqui que são brasileiros natos.

B.C. - Mas e, quando o senhor praticava, aceitavam pessoas que não tinham descendência alemã para treinar?

N.S. – Sim, aceitava sim. Aqui, no Brasil aquela época, passou, nós tínhamos os integralistas, não sei se tu chegasse a conhecer isso. Se tu falar com o teu pai, tu é de descendência alemã, não?

B.C. - Não.

N.S. - Foi uma época da guerra. Aqui em Porto Alegre, não sei se vai constar isso aí, [aponta para o gravador] eram grupos de jovens, que tinha uma farda verde com um... E ao contrário aqui com um distintivo. Grupos nazistas que na época da guerra... E aí, quando o Brasil entrou na guerra, que afundaram os navios brasileiros, os [palavra inaudível] destruíram tudo que era de alemães e queimaram, inclusive, os do meu pai, meu sogro, a minha família. Destruíram livros “ah, alemão. Se tinha máquina de escrever era coisa de alemão”. Máquina de escrever diziam que era coisa de alemão e quebravam tudo, rádios, levaram tudo, foi um quebra. Não sei se tu ouvisse falar disso aí.

B.C. – Sim, eu li nos livros da história da SOGIPA.

N.S. - E então a gente ficou meio assim, porque... Mas aos poucos eu fui indo porque, os que vieram de alemães, os filhos tinham que fazer ginástica. Quer dizer que, para o brasileiro, não tinha isso, mas, com o tempo, eles foram entrando, foram vendo que era necessário e não só... O governo começou a incentivar também, a prática de esportes, que viu que era importante porque esporte é saúde. Tendo uma pessoa forte e bem preparada ela resiste mais as doenças, mas só que está muito pouco. Nós temos que ter mais, nós temos muita gente aqui, nós somos cento e setenta milhões de pessoas. Como diz agora,

fizeram a campanha aqui agora, fizeram aí, de teste com dois milhões de crianças na... Tudo bem, faz o teste para ver se tem condição ou não. Isso é uma coisa. Para mim, acho errado. Então vamos dizer que, desses dois milhões de crianças, saem cem mil, aonde esses cem mil vão fazer esporte, praticar?

B.C. - Por enquanto...

N.S. - Pois é ai é que está o problema, entendeu?

B.C. - Sim.

N.S. - Esse é que é o problema, não adianta tu fazer estádios enormes para botar gente, com meia dúzia dentro e oitenta mil em volta olhando, não resolve, tem que fazer o contrário, oitenta mil dentro e meia dúzia fora. Tu viu? Isso é que tem que ser feito. Vamos fazer um estágio, mas o problema é aqui. Então ao invés de gastar em um estádio, gasta aqui, vamos formar gente, é onde eu sempre falei, é na escola que tem que formar e o alemão, conceito alemão é esse, na escola, é ali que tem que aprender, depois ele vai sozinho, depois ele escolhe e vai embora, mas ele tem que ser formado ali. E outra coisa que eu bato na Escola é o seguinte: sábado e domingo aquela escola fechada, sem ninguém usando aquele patrimônio todo, não tem nada sábado e domingo lá. Quando eu estava na época da Escola, meus monitores, eu coloquei para trabalhar. Sábado e domingo tinha atividade e ia atender a comunidade. É uma judiaria uma Escola como aquela lá fechada, com um estádio daquele tamanho, tudo aquilo lá e olha que tem uma série de edifícios, tem uma...

B.C. - Qual é a escola?

N.S. - Escola de Educação Física.

B.C. - Da UFRGS<sup>31</sup>.

N.S. - Tem aqueles edifícios ali do lado, tu vê quantas pessoas tem ali.

---

<sup>31</sup> Universidade Federal do Rio Grande do Sul

B.C. – Bah, muitas.

N.S. - E aquilo fechado [silêncio]. Aí que está o negócio, é a estrutura, visse?

B.C. - Tu podia me contar agora se tu tivesse possíveis dificuldades encontradas para a prática do esporte quando tu praticava?

N.S. - Dificuldades?

B.C. - Além das que tu já...

N.S. - Ah, bastante. Era a condução para você chegar no lugar para treinar e você trabalhava o dia inteiro, ia treinar de noite e, no dia seguinte, novamente, trabalhar e treinar. Quer dizer, a gente não tinha essa facilidade de ter o dia todo treinando como agora. Agora não. Agora tu tem, eu vejo pelos meus netos e acho até uma judiaria todos os dias treinar. O que é isso aí? Ele não é atleta ainda, está formando ainda, não é.

B.C. - E tu tinha apoio da família?

N.S. – Bastante, sempre. Como eu recebia apoio da família, eu dei apoio para os meus fazerem também.

B.C. - E pelo jeito continua dando, os netos...

N.S. - Sim, tem um que é tenista, a outra está começando no tênis agora, o outro joga Hóquei, a outra é patinadora, vai agora para o sul-americano de patinação artística, a Gabi<sup>32</sup> ali [aponta para uma fotografia da neta]. A outra ali é a Letícia<sup>33</sup>, aquela outra é a Gabi, patinadora desde os três anos de idade.

B.C. - Que amor.

---

<sup>32</sup> Nome sujeito a confirmação

<sup>33</sup> Nome sujeito a confirmação

N.S. - Ele ali era o par dela, faziam par, dançavam juntos, patinavam juntos, eles eram a dupla, só que aconteceu o seguinte: ele ficou grande e ela ficou pequeninha [risos]. Aí então ficou muito difícil para trabalhar com ela.

B.C. - Não deu.

N.S. - Ele continuou no Hóquei e ela continuou na patinação artística.

B.C. - Não sei se tu quer contar alguma coisa, alguma história de quando tu fazia... Bem, eu li uma que tu contou na Zero Hora<sup>34</sup> de que vocês foram para Roma<sup>35</sup>.

N.S. - Ah foi.

B.C. - Mas se tu tiver alguma outra história para contar interessante.

G.S. - Da Alemanha, que ficaste lá.

N.S. – Ah, aventura maior que eu fiz foi a seguinte: nós fomos para Alemanha competir, nós viajamos 22 dias de navio, 11 dias de competição lá e 22 dias de navio de volta e eu cheguei para os meus companheiros e “aqui ó, eu não volto para o Brasil” e perguntaram “o que é que tu vai fazer” e disse “vou ficar aqui. Eu tenho passagem para um ano, eu posso voltar quando eu quiser”, “mas tu não fala alemão, tu não pode ficar aqui”, “eu não sei o que vai ser”. Levei eles para o porto para pegar o navio, eles embarcaram e eu abanei para eles. “Tchau”. Depois que eu fiquei sozinho, aí eu disse “Pô, o que eu vou fazer agora?” [riso]. Eu digo “vou para Colônia<sup>36</sup>”, porque, quando eu estava na Colônia, a Escola me ofereceu para ficar lá porque quem participava da competição da “*turnfest*” essa aqui. Viu todo mundo estava aqui, era enorme isso aqui [mostra revistas da época que aparecem as fotos do encontro] olha aí. Isso é uma festa mundial, foi após a guerra, a primeira após a guerra. A Alemanha estava destruída, aí eu fui para Colônia e fui estudar e lá tinha casa e comida. Comecei a aprender, comprei um dicionário que acho que eu tenho até hoje, acho que dei para minha neta. Português-alemão, uma cadernetinha, um lápis, e

---

<sup>34</sup> Jornal de Porto Alegre

<sup>35</sup> Capital Italiana

comecei a andar e quando eu não sabia eu [palavra inaudível] e procura aqui, o que tu quer dizer, eu pegava, mostrava na palavra e ele traduzia ou eu falava e ele traduzia, dava um jeito. E assim eu fui e aprendi na marra. Aprendi assim.

B.C. - E lá tu treinava?

N.S. - Não, eu estudava e treinava. Como eu era brasileiro e não falava alemão, eu era uma pessoa completamente diferente dos outros e fazia ginástica, tu vê ginástica e lá eles não acreditavam que o pessoal do Brasil... Achava que só tinha cobra aqui no Brasil [risos]. Então eles me levavam para tudo que é lugar, eu viajei a Alemanha inteira e eles me carregavam para cá, me carregavam para lá e eu ia junto para qualquer lugar, eu ia passear e, na volta, eu fui parar até na África. Mas cheguei no Brasil de novo.

B.C. - Conseguiu.

G.S. - Isso faz 52 anos.

N.S. - 53 anos. Chegando aqui... Eu cheguei aqui por novembro. Em junho eu fui para Roma de navio de novo.

B.C. - Mais viagem [risos].

N.S. - Aí não parou mais de viagem. Essa foi a minha maior aventura, eu nunca tinha saído de casa e perdi a comunicação com os meus pais. Aí quando eu consegui entrar em contato com eles, por carta dizendo que eu não volto, eles ficaram apavorados.

B.C. - E quando vocês treinavam, treinavam bastante acrobacia também? Porque como tu contou, o solo era fininho. Como é que vocês conseguiam?

N.S. - Acham o chão duro. Isso que nós fazíamos, nós tirávamos, não tinha elástico, tanto é que, o primeiro, fizemos em 63, o primeiro solo elástico aqui na...

---

<sup>36</sup> Cidade Alemã

B.C. - Não tinha mola embaixo?

N.S. - Não tinha nada, era no cimento, era em qualquer lugar as competições, o solo era em cima do parquê e o colchão de feltro e diziam “aonde é que tu vai?”. Miravam e os caras corriam e colocavam o colchão e iam lá correndo para colocar amaciar um pouquinho, mas mesmo assim... [risos].

G.S. - O tamanho do colchão.

N.S. - Era menos do que isso, era 3 cm de feltro, tem uma fotografia que tu pode ver, eu tinha um companheiro que fez isso aqui. Era o [palavra inaudível].

G.S. - Os joelhos estourados não são de graça.

N.S. – É, agora as conseqüências estão aí, agora estamos todos quebrados.

B.C. - Mas valeu a pena?

N.S. - Valeu a pena viu, valeu, nesse meio tempo...Aqui estou [mostra umas fotos e revistas e recortes de jornal] Isso foi em 53 aqui no instituto de educação. Aqui estou eu, aqui está a equipe toda. Aqui estou eu na página.

B.C. - Espera que eu vou desligar...

[INTERRUPÇÃO DE FITA]

B.C. - Conta para gente então...

N.S. - A primeira vez que eu fui para Europa, para Alemanha quem patrocinou foi a SOGIPA. Ela pagou a passagem de ida e volta e nós ganhamos cinquenta dólares cada um para gastar.

G.S. - Sim, mas nunca um clube tinha feito isso.

N.S. - Não, nenhum clube. A primeira vez que um clube mandou. Depois daí, outras vezes continuaram, mas eu fui um dos primeiros, que fomos para lá. Quando nós fomos para Roma eles pagaram os seis, a equipe completa, mas também só deixaram a gente...

B.C. - E o treinador?

N.S. - O treinador não apareceu. Eu no fim era o técnico, era o capitão, era o ginasta, eu era tudo ali. Mas para nós foi muito bom, a gente aprendeu, a gente ia e aproveitava, treinamos com os japoneses, com os russos, aproveitava isso e trazia, chegava aqui e dizia “vamos fazer assim agora” que a gente viu só por fotografia porque não tinha nada, não tinha como gravar, não tinha gravadora, não tinha nada falando na super 8. Uma super 8 era difícil de conseguir. Então por fotografia a gente mostrava “Ah, vamos fazer isso daqui agora” e aí a gente continuava numa luta.

B.C. - E o código de pontuação vinha...

N.S. – Não, isso nós tínhamos, eles mandavam para gente e seguia dentro do código.

B.C. - E o código naquela época, não sei, eu não estudei o código, mas ele dava mais valor para os exercícios feitos para força? Hoje em dia é tudo muito acrobacia, não tem muito...

N.S. – Não, ele continua. Olha aqui, para te dizer o seguinte, olha aqui, o cavalo é a mesma altura de hoje. Porém a chegada, olha aqui [mostra uma foto em que o colchão da chegada é muito pequeno tanto de tamanho quanto de espessura]) e a saída [risos]. E olha aqui, não tinha trampolim, era uma tábua. Até o Dante chamou na reportagem de “tábua de lavar roupa”. E era mesmo. Era uma tábua toda sarrafeada e que não tinha elasticidade nenhuma e a gente conseguia passar por cima dela ainda. Olha aqui [mostra uma fotografia] e isso tudo são conseqüências. Os joelhos agora estão tudo arreventado [risos].

G.S. - Costas, joelhos.

N.S. - É isso aí, mas o esporte tem disso, está sujeito a isso, a deformações, porque é especialidade. Tem que fazer de tudo se tu quer chegar lá.

G.S. - E sem fisioterapia.

B.C. - E sem fisioterapia que na época nem se falava nisso.

N.S. - Ah não. Estão machucados os meus atletas, eu fazia como fazia em mim. Se machucou o punho na escola e na minha aula também não podia fazer. Mas tu podia correr, podia saltar, podia fazer abdominal, não podia se pendurar, mas podia participar da aula. Quando chegava no apoio, não fazia, machucou o tornozelo ou o joelho, não podia correr, não podia saltar, mas podia se pendurar, podia se apoiar, podia fazer abdominal. Então tem que fazer junto, quando não vai correr, não vai, mas tinha que participar. Bom, sabe o que acontecia, isso recuperava, porque tu economizava e a renovação de sangue oxigenava e aí retirava o hematoma, recuperava, desmanchava mais rápido do que de ficar parado sem movimento. A circulação entra em movimento quando tu te movimentas, não é isso? Então tinha que fazer, essa foi sempre a minha teoria, tinha que ser assim [risos]. Isso tudo de ouvido

G.S. – Sim, tudo bem diferente dos fisioterapeutas [risos].

N.S. - É, mas tem dado certo até hoje.

B.C. - Vou desligar.

[FINAL DO DEPOIMENTO]